

REPRESENTAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA NO ESTRANGEIRO – A PRESENÇA DA LITERATURA DE VIAGEM E DAS TRADUÇÕES NAS RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL/EUA

Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista
Instituto de Estudos Lingüísticos / Universidade Estadual de Campinas

RESUMO:

A literatura de viagem e a tradução são atividades presentes na história cultural brasileira desde seus primórdios e têm atuado de forma decisiva em nosso desenvolvimento cultural. Este trabalho, baseado na defesa de uma estreita relação teórica e histórica entre as duas atividades, pretende demonstrar a presença de ambas nas relações entre o Brasil e os EUA, demonstrando sua centralidade em nossas relações com o estrangeiro. Pretende-se apresentar um breve histórico do interesse americano em nosso território representado pelos viajantes que nos visitaram para em seguida focar o papel da tradução e dos estudos de área no aprofundamento desse relacionamento.

Palavras-chave: representação cultural, tradução, literatura de viagem.

ABSTRACT:

Travel literature and translation haven been activities present in Brazilian cultural history since its beginnings. They both have an important place in our cultural development by representing our national culture abroad. This work, based in theoretical and historical connections between travel literature and translation, pretends to show the presence of both activities on Brazil and USA cultural relations and the centrality of travel literature and translation in our relations with another national cultures.

Keywords: cultural representation, translation, travel literature.

Introdução

A literatura de viagem e a tradução têm atuado como importantes atividades culturais nas relações do Brasil com o estrangeiro, e exercido papel decisivo em nossa história cultural.

Ambas estão presentes no momento fundador de nossa história, o descobrimento de nossas terras pelos navegantes portugueses em 1500. A famosa “Carta de Caminha”, relato desse descobrimento, inaugura nossa história e literatura, e descreve ainda o primeiro contato dos europeus com os povos autóctones, revelando o primeiro ato de tradução/interpretação registrado em nossas terras. Ambas as atividades se perpetuam no decorrer de nossa história: a literatura de viagem permaneceu como o principal corpus de informação sobre nosso território durante séculos, e a tradução tornou-se fundamental na criação de nossa literatura nacional e em nosso desenvolvimento cultural, regido pela constante assimilação de idéias e conhecimentos estrangeiros. Neste trabalho pretende-se demonstrar a atuação da literatura de viagem e da tradução no panorama das relações culturais Brasil-EUA. Em primeiro lugar apresentamos um breve histórico dos viajantes norte-americanos em nosso país, para em seguida demonstrarmos o papel do intercâmbio tradutório e dos estudos especializados no Brasil no desenvolvimento de nossas relações com o estrangeiro.

1 Viajantes norte-americanos no Brasil

Como comenta Moreira Leite em seu levantamento da literatura de viagem sobre o Brasil entre 1803 e 1900, “é possível estabelecer uma correlação entre o número de viajantes provenientes das diversas procedências e o predomínio industrial desses locais de origem, no comércio internacional” (Moreira Leite, 1997:21). Se durante todo o século XIX a predominância foi de viajantes ingleses, em consonância com a forte influência que o Império Britânico exercia sobre Portugal e conseqüentemente sobre o Brasil à época, uma mudança de orientação começa a acenar a partir do fim desse século, como sugere Moreira Leite, ao concluir que “os viajantes americanos encerram, cronologicamente, a série de viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil no século XIX, e escreveram sobre ele” (1997:133). A mesma tendência encontra-se no intercâmbio tradutório, como revela Barbosa:

A hipótese que um exame dos fatores econômicos discutidos anteriormente torna possível colocar é que interesses culturais, estratégicos e financeiros trabalharam juntos [...] de forma que o deslocamento continental (do Reino Unido para os Estados Unidos) nas fontes de investimentos no Brasil foi acompanhado por um deslocamento similar na produção de traduções de obras brasileiras. [...] As traduções em língua inglesa de obras literárias brasileiras eram publicadas no Brasil e no Reino Unido durante o século XIX. Movendo-nos para o século XX, é possível ver [...] que a grande maioria de tais obras foram traduzidas e publicadas pela primeira vez majoritariamente nos Estados Unidos (Barbosa, 1994:33)¹.

O interesse dos Estados Unidos pelo Brasil inicia-se com a chegada da coroa portuguesa em 1808, quando é nomeado o primeiro cônsul norte-americano no país. Os primeiros oficiais norte-americanos enviados ao Brasil, no entanto, foram recebidos com desconfiança pelo governo português, cujo papel de representante da monarquia européia no continente americano o opunha frontalmente ao republicanismo dos norte-americanos. Desconfiança que se confirmaria na participação dos oficiais norte-americanos nos levantes separatistas que antecederam a proclamação da república brasileira, como a Revolução Pernambucana (1817) e a Confederação do Equador (1824) (Bandeira, 1978:88)². A exportação dos ideais republicanos norte-

¹ "The hypothesis that an examination of the economic factors discussed above does make possible to put forward is that cultural, strategic and financial interests worked together at this point in time, so that the continental shift (from the UK to the US) in the source of investments in Brazil was accompanied by a similar shift in the production of translations of Brazilian literary works. As can be seen from an examination of Table 1 above, English translations of Brazilian literary works were published either in Brazil or in the UK in the nineteenth century. Moving into the twentieth century, it is possible to see from Table 1 above that the vast majority of such works were translated and published for the first time mainly in the US".

² Holanda cita o caso do cônsul norte-americano Joseph Ray, expulso do país em 1925 por seu envolvimento com os revolucionários de Pernambuco, aos quais tentou entregar um navio cheio de armas trazidas dos EUA, e que chegou ao porto de Recife quando o movimento já havia sido dominado (Holanda, 1985:182).

americanos para o Brasil dava-se não só através da ação de seus emissários e viajantes, mas também da tradução do *The federalist*³ para o português, composto de textos de debate político que defendiam o republicanismo (Holanda, 1985:183). A primeira imigração de norte-americanos para o Brasil, porém, ocorrerá de forma maciça entre 1865 e 1868, quando, após o término da Guerra da Secessão nos EUA, cerca de três mil sulistas emigraram para o nosso território (Bandeira, 1978:119), onde a escravidão ainda era permitida⁴. Data dessa época a chegada das missões religiosas norte-americanas ao nosso país: os episcopais em 1859, os presbiterianos em 1862, e a primeira escola protestante sendo fundada em 1869 (1978:124). Bandeira estabelece um paralelo entre o papel dos missionários jesuítas na colonização do território brasileiro pelos portugueses, no século XVI, e a vinda dos missionários norte-americanos para o Brasil: segundo ele, "*a ofensiva religiosa era também um prenúncio da expansão imperialista dos EUA*" (1978:124).

Além das missões religiosas a segunda metade do século XIX trouxe ainda grandes expedições científicas norte-americanas ao Brasil, como a Expedição Thayer, chefiada pelo famoso naturalista, contendor de Darwin na teoria evolucionista, Louis Agassiz, suíço naturalizado norte-americano que percorreu a Amazônia e todas as capitais do litoral brasileiro da Bahia ao Pará, entre 1865-66, e co-autor, junto a sua mulher Elizabeth Agassiz, do importante relato *Journey in Brazil* (1868). Outro grande viajante norte-americano a nos visitar foi o discípulo de Agassiz, Charles Frederick Hartt, que chefiou a Expedição Morgan (1870-

³ Segundo Holanda, *The Federalist*, coleção de textos publicados entre 1787 e 1789 que explicavam a nova constituição dos EUA, surge pela primeira vez em uma tradução portuguesa de 1840 que logo desaparece, sendo editada nova tradução por autor anônimo na Imprensa Oficial de Minas, em 1896, em Ouro Preto (Holanda, 1985:183).

⁴ Segundo Bandeira, a vinda em massa de norte-americanos para o Brasil só iria se repetir em situações de duas outras guerras, a II Guerra Mundial, quando possuíam bases militares no Nordeste, e durante a Guerra Fria, em 1962, quando todos os recordes foram batidos com a vinda dos boinas-verdes, (promovendo a contra-revolução) a partir de 1962 (Bandeira, 1978:449).

71) e foi diretor da Comissão Geológica do Brasil, a convite de D. Pedro II (Freitas, 2002). A tendência de viajantes norte-americanos no Brasil persiste no início do século XX, quando surgem relatos de mulheres norte-americanas que visitaram nosso país, como o de Marie Robinson Wright, *The new Brazil. Its resources and attractions, historical, descriptive and industrial* (1901), e o de Alice Humphrey, *A summer journey to Brazil* (1900). Em 1913 o Brasil recebe a visita do então ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt, que visitou o Amazonas e Mato Grosso, publicando em 1914 *Through the Brazilian wilderness* (Nas selvas do Brasil). Assim como na atuação dos primeiros oficiais norte-americanos enviados no início do século XIX, esses viajantes revelam em seu discurso o interesse expansionista dos EUA sobre a América Latina. No estudo que Gazzola realiza sobre as mulheres estrangeiras no Brasil entre os séculos XVIII e XIX, em que analisa, entre outros, textos de Elizabeth Agassiz, esposa de Louis Agassiz e co-autora de *Journey in Brazil*, e de Alice Humphrey, citada acima, a autora salienta a postura etnocêntrica presente nos textos:

fica claro que as autoras se identificam aos interesses norte-americanos, acreditam na superioridade do sistema de seu país e em sua validade para o Brasil, tornando-se, de alguma forma, arautos e até veículos da missão civilizadora e transformadora norte-americana: começa a exportação [...] do *American way of life* (Gazzola, 1995:59).

Como pode-se ver, o histórico dos viajantes norte-americanos no Brasil torna-se um elemento revelador do interesse dos EUA sobre o nosso país, interesse esse que se aprofunda com o passar do tempo e se especializa nos estudos acadêmicos realizados pelos brasilianistas, e que se utiliza cada vez mais do intercâmbio tradutório como elemento articulador de nossas relações culturais com o estrangeiro.

2 Aspectos da representação cultural brasileira nos Estados Unidos

O crescimento da influência norte-americana sobre o Brasil durante o século XIX, do qual a pequena genealogia de viajantes acima levantada é um índice revelador, deu-se no contexto da Doutrina Monroe. Posta em vigor no governo de James Monroe (1817-25), a política continental do novo estado norte-americano pretendia colocar um freio ao expansionismo europeu nas Américas e colocar o continente como área de influência dos EUA, inaugurando uma série de políticas externas (*Dollar diplomacy, Big stick, Good neighbor, Alliance for progress*), que visavam, antes de tudo, assegurar a influência estadunidense sobre os demais países do continente americano. A consolidação dessa influência, no entanto, ocorre somente com a II Guerra Mundial, através da 'Política da boa vizinhança'. Como afirma Ianni:

...em geral, foi durante a II Guerra Mundial que a maioria dos governos da América Latina adotaram a doutrina da segurança hemisférica. A doutrina foi supostamente feita para proteger a solidariedade latino-americana da penetração de interesses estrangeiros no hemisfério – mas em última instância foi desenvolvida para proteger os interesses norte-americanos (Ianni, 1984:24)⁵.

Ainda segundo Ianni, desde que assumiu sua hegemonia sobre o mundo capitalista, os EUA passaram a dedicar substanciais recursos materiais, organizatórios e intelectuais à sua política cultural internacional. Para Ianni, a produção cultural faz parte das relações de interdependência, alienação e antagonismo que caracterizam as relações capitalistas de dominação e produção. É através das idéias e concepções, doutrinas e teorias, que se codificam, legitimam e reproduzem as relações, os processos e as estruturas de dominação política e apropriação econômica nos países periféricos. A produção intelectual, dessa forma, é vista como produto e condição de funcionamento,

⁵ "in general, it was during World War II that most governments of Latin American countries adopted the doctrine of hemispheric security. The doctrine was supposedly drawn up to protect Latin American solidarity from penetration by foreign interests in the hemisphere – but it was ultimately designed to protect North American interests".

reprodução e expansão do capitalismo. A lógica dessas relações determina

...nos países dominantes [o predomínio de] idéias e explicações, inclusive com roupagens científicas, sobre as limitações, extravagâncias e exotismos das populações dos países dependentes e coloniais. Os governos dos países hegemônicos fazem crer que a corrupção, ou incapacidade para o trabalho sistemático e persistente, impedem essas populações de alcançarem os padrões ocidentais (Ianni, 1976:33).

Nesse contexto, a política cultural do imperialismo norte-americano deve ser vista *“como parte integrante e fundamental da doutrina da diplomacia total dos EUA”* (Ianni, 1976:39). A política cultural norte-americana no continente durante o período da *“Política da Boa Vizinhança”* (visando manter a América unida durante a II Guerra Mundial) atuou como peça fundamental no estreitamento das relações entre os EUA e a América Latina, que teve a indústria de Hollywood como um de seus agentes mais eficazes. Além de atores famosos da época, ela proporcionou a vinda de importantes criadores e difusores de imagens sobre o Brasil, como Walt Disney, que aqui esteve em 1941 como *“Embaixador da Boa Vizinhança”*, convidado por Nelson Rockefeller, diretor do birô para Assuntos Inter-americanos. O resultado dessa viagem foi a criação de um personagem brasileiro, Zé Carioca, que aparece pela primeira vez no desenho de longa-metragem *Alô amigos*, de 1943 (Ferreira Leite, 2001). Em 1942 o Brasil recebeu também a visita do famoso cineasta Orson Welles, convidado pelo Departamento de Estado norte-americano a dirigir um documentário sobre o nosso país, que iria se chamar *It's all true*. O projeto foi abortado por não se adequar à agenda política norte-americana, como atesta Russell: *“não é de surpreender que a política corroe a agenda cultural da missão de boa-vontade de Welles. As autoridades de ambos países queriam algo mais ‘bonito’, uma visão superficial do Brasil que encorajasse o turismo em vez de críticas e lamentos por justiça social”* (Russell, 2002)⁶. Além do cinema, uma extensa rede de atividades culturais estava envolvida, conforme declara H. Sargeant Howland;

no final da II Guerra Mundial os americanos já estavam ativos no negócio da persuasão internacional. Estávamos utilizando a maioria das técnicas hoje em uso, inclusive filmes documentários, **traduções de livros americanos**, programas de rádio, mostras fotográficas, bibliotecas de livros americanos, **programas de intercâmbio de pessoas** [...], etc. Essas técnicas eram aplicadas por americanos no exterior, operando com muita assistência de cidadãos locais (apud Ianni, 1976:41) (grifo meu).

Segundo Ianni, políticos, diplomatas, empresários, cientistas sociais norte-americanos e estrangeiros, inclusive de países dependentes, são convidados e pagos para ajudar a aperfeiçoar a formulação dos objetivos e dos meios organizatórios destinados a tornar mais eficaz a política cultural do imperialismo americano. Política essa que envolve a combinação de programas e agências governamentais com a atuação de empresas privadas. O incentivo governamental é estabelecido através de diversos programas como os *Fullbright Acts* de 1946 e 1961 (Ianni, 1976:40), e empresas privadas como as Fundações Rockefeller e Ford fomentam programas de intercâmbio cultural com o fornecimento de bolsas e financiamento de projetos, entre outros benefícios. A política cultural externa envolvia também traduções, como confirma Barbosa: *“parece que traduções de obras brasileiras tornaram-se parte desse esforço apenas quando a importância estratégica do Brasil foi totalmente apreciada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos logo antes e durante a Segunda Guerra Mundial”* (Barbosa, 1994:33)⁷. O resultado desse intercâmbio, segundo Bandeira, é que os brasileiros, até então voltados para a literatura francesa, *“passaram a ler Eugene O'Neill, Sinclair Lewis, Carl Sandburg, Ernest Hemingway, John*

⁶ “It isn’t surprising that politics eroded the cultural agenda of the Welles goodwill mission. The authorities in both countries wanted something ‘pretty’, a superficial view of Brazil that would encourage tourism rather than criticism and cries for social justice”.

⁷ “It would appear that translations from Brazilian literary works became part of

dos Passos, John Steinbeck, William Faulkner, Arthur Miller e Henry Miller” (Bandeira, 1978:310).

A intensificação do interesse norte-americano pelo continente reflete-se na especialização do campo dos estudos interculturais, realizados pioneiramente pelos viajantes, levando ao surgimento, na primeira metade do século XX, dos latino-americanistas, estudiosos, em sua maioria norte-americanos, da América Latina. O campo de estudos inclui especialistas das principais nações, como os brasilianistas, especialistas no Brasil. Segundo Meihy, “*é brasilianista aquele que, exercendo em caráter constante a profissão nos EUA, participa dos recursos financiadores de instituições norte-americanas, forma estudantes e promove pesquisas sobre o Brasil*” (Meihy, 1990:24). O brasilianista substituiu o viajante do século XIX e representa a institucionalização do olhar norte-americano sobre o Brasil. Conforme Meihy, a primeira geração de brasilianistas surgiu durante o estabelecimento e extensão da política da Boa Vizinhaça, entre 1936 e 1959. O autor traça o perfil do brasilianista, que evoluiu dos antropólogos para os professores de língua e literatura, seguindo-se os historiadores, os cientistas sociais e economistas. A evolução dos interesses norte-americanos é representada na substituição das disciplinas, assim como nos países eleitos como merecedores de maior atenção: México, Brasil, Argentina, Chile e Peru (Meihy, 1990:48). A colaboração hemisférica levou também ao envio de estudiosos brasileiros para os EUA, proporcionando, por exemplo, as estadias na América do Norte dos brasileiros Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Afrânio Coutinho, este último convidado a assumir um cargo na revista *Reader's Digest* e se responsabilizar pela sua versão em português. Essa aparente mão dupla, proporcionada pelo intercâmbio de intelectuais dos dois países, porém, deve ser contextualizada, como sugere Lippi Oliveira “*o mundo acadêmico norte-americano se organiza para estudar a América*

this effort only when the strategic importance of Brazil was fully appreciated by the United States Defense Department just before and during the Second World War”.

Latina; os latino-americanos vão aos Estados Unidos aprender como devem se estudar” (Lippi Oliveira, 2000:21) (Grifo da autora). Ainda segundo Lippi Oliveira,

a criação de uma edição brasileira da revista *Reader's Digest* é parte desse movimento de penetração no continente: já estava sendo publicada em espanhol e passava a ser também em português. A postura da publicação era trabalhar junto aos empresários, estes no “front econômico”, e *Seleções* no “front ideológico” da colaboração hemisférica (Lippi Oliveira, 2000:99).

O fenômeno dos latino-americanistas e brasilianistas, portanto, não é fruto de um inocente programa de intercâmbio cultural, mas reflete interesses bem pragmáticos. Esses interesses podem ser reconhecidos na escolha das principais disciplinas de estudo, segundo a lista acima apresentada, que apresenta uma ênfase nas ciências sociais e econômicas, o que é confirmado pelo brasilianista Richard Morse, que critica “*a pouquíssima atenção dada à filosofia, arte e música da América Latina*” nos estudos acadêmicos (Morse, 1990:211). Morse critica também o pouco interesse pela literatura – “*é comum dizer-se, por exemplo, que no meio acadêmico praticamente não há lugar para qualquer atividade intelectualmente madura no âmbito da história da literatura ou da crítica literária latino-americana*” (Morse, 1990:211). O próprio estudo das ciências sociais é marcado pelo sentido pragmático, como afirma Meihy com relação à História (Meihy, 1990:41). Ou como afirma ainda Richard Morse: “*ao longo dos anos, nosso contato com a América Latina tem sido, de modo geral, de caráter utilitário, pela porta dos fundos*” (Morse, 1990:213). O interesse pragmático dos estudos acadêmicos norte-americanos sobre o Brasil é também apontado por Barbosa no perfil das traduções de obras brasileiras publicadas nos EUA. Segundo ela

entre as obras de ciência social disponíveis em traduções para a língua inglesa encontram-se obras nas áreas de política, economia, história e sociologia, que formam parte do campo de interesse dos brasilianistas. Tamanho é o interesse no Brasil

como um tópico de estudo nas ciências sociais que um CD-ROM de pesquisa para **obras de ciência social sobre o Brasil escritas diretamente em inglês** revela uma riqueza de material, e as livrarias universitárias possuem em abundância obras no campo (Barbosa, 1994:86) (grifo meu)⁸.

A institucionalização do estudo acadêmico sobre os países latino-americanos nos EUA, segundo Ianni, estaria ligada à política do imperialismo cultural. Para o autor, as políticas externas norte-americanas para a América Latina apresentam um perfil evolutivo que aprofunda seu caráter intervencionista no século XX, atingindo seu ápice nos anos 1960 durante a Guerra Fria, quando a revolução cubana acirrou a disputa de influências entre os blocos socialista e capitalista numa área até então considerada de domínio exclusivo estadunidense:

pode-se dizer que os problemas políticos, econômicos e militares latino-americanos começaram a se desenvolver como questões continentais mais rápida e amplamente depois de 1959. Organizações multilaterais inter-americanas para análise e tomada de decisão a respeito de problemas políticos, econômicos, de negócios, religiosos, culturais, científicos, de trabalho e outros, tem proliferado desde essa data (Ianni, 1976:34)⁹.

É nesse sentido que a indústria norte-americana de pesquisas sociais entrou na sua fase imperialista, como sugere Ianni, ao afirmar que “os programas e agências governamentais

⁸ “Among the Brazilian social science works available in English translation are works in the areas of politics, economics, history and sociology, which form part of the field of interest of Brazilianists. Such is the interest in Brazil as a topic of study in the social sciences that a CD-ROM search for social science works about Brazil written directly in English reveals a wealth of material, and university libraries abound with works in this field”.

⁹ “It could be said that Latin American political, economic, and military problems began to develop as continental issues more widely and rapidly after 1959. Multi-lateral inter-American organizations for analysis and decision-making regarding political, economic, business, religious, cultural, scientific, labor, and other problems have proliferated since that date”.

e privadas encarregadas de por em prática a política cultural dos EUA no exterior envolvem amplo uso das ciências sociais nas operações políticas e militares” (Ianni, 1976:43). A especificidade dos estudos norte-americanos sobre os países da América latina frente aos estudos interculturais dirigidos, por exemplo, à Europa, é afirmada por Richard Morse:

ironicamente os estudos latino-americanos estão segregados dos da civilização ocidental não na América Latina, mas nas próprias entranhas do monstro. Aqui entram em jogo conveniências administrativas, necessidades de “defesa” nacional e a organização tipo “fábrica de alfinetes” das universidades norte-americanas, que recrutam especialistas sub-regionais, da mesma forma que o Departamento de Estado ou a CIA criam escritórios para “manejar” o Brasil ou a América Central (Morse, 1990:128).

A política cultural gerada pela colaboração hemisférica contava também com um projeto envolvendo as traduções, como declara Barbosa:

Em 1960 a Associação das Imprensas Universitárias Americanas lançou um programa de distribuição que iria ajudar a levar livros norte-americanos para o sul e trazer livros sul-americanos para o norte. O programa possuía apoio financeiro da Fundação Rockefeller, e necessitava de apoio dos escritores latino-americanos também: eles deveriam ceder seus *royalties*, de forma que os tradutores pudessem ser pagos (Barbosa, 1994:85)¹⁰.

Segundo Barbosa, no final de 1963 dezoito livros haviam sido publicados, vinte e dois estavam planejados para 1964, e

¹⁰ “In 1960 the Association of American University Presses launched a book distribution programme that would ‘help move North American books south and South American books north’ (Frugé 1964: 17). The programme had financial support from the Rockefeller Foundation, and necessitated the support of Latin American writers as well: they had to waive their royalties, so that the translators could be paid (Frugé 1964: 15-17). ‘By the end of 1963, 18 books had been published. Twenty two are scheduled for 1964, and 16 more are in process. Others are proposed’ (Frugé 1964: 16)”.

dezesseis estavam em processo (Barbosa, 1994:85). Em seu levantamento das obras brasileiras traduzidas para a língua inglesa nos EUA nesse período, Barbosa aponta o governo norte-americano como o principal financiador das publicações. Essa patronagem obviamente acaba se refletindo no teor das obras traduzidas. Refletindo a tendência dos estudos acadêmicos de apresentarem maior interesse pelas ciências sociais, também as traduções de obras ficcionais acabam adquirindo o mesmo caráter pragmático e estratégico, como demonstra Barbosa:

A necessidade de aprender sobre o Brasil que leva à tradução e publicação de obras das ciências sociais parece invadir a área das obras literárias. As últimas também parecem ser selecionadas para tradução com o objetivo de torná-las “ambassadorial works”, de forma que, sejam elas documentos verdadeiros ou ficcionais, tenham um contexto político, social e geográfico reconhecíveis (Barbosa, 1994:87)¹¹.

Ou seja, as obras não são escolhidas para tradução por suas qualidades literárias, mas pela possibilidade de se tornarem fontes de informação sobre a realidade sócio-cultural do país.

Em concomitância com a política intervencionista que no século XIX apoiou as revoluções separatistas anteriormente descritas, a nova política externa norte-americana para o continente, a “Aliança para o Progresso”, instituída por Kennedy em 1961, e que, para Ianni “era apenas mais um veículo para a intervenção americana nos países latino-americanos” (Ianni, 1976:29)¹², através de seu braço cultural acabou gerando o projeto Camelot, que se tornou um escândalo mundial em 1966. O projeto Camelot, um projeto de pesquisas sociológicas dos norte-

¹¹ “The need to learn about Brazil that accounts for the translation and publication of social sciences works seems to spill over into the area of literary works. The latter also appear to be selected for translation with the aim of making them into ambassadorial works, so that whether they are ‘true or fictional documents, they have a recognizable social, political or geographical context’ (Vanderauwera 1985: 29)”.

¹² “was just one more vehicle for U.S. intervention in the internal affairs of Latin American countries”.

americanos em países estrangeiros, e que tinha como objetivo “prever e influenciar os aspectos politicamente importantes da mudança social nas nações em desenvolvimento, acabou denunciado por alguns latino-americanistas como estando diretamente relacionado aos programas militares de contra-insurreição” (Ianni, 1976:51). O projeto Camelot é o ponto clímax no processo de imperialismo cultural posto em prática pela política externa norte-americana na América Latina durante a Guerra Fria, que tende a atuar de forma mais discreta nos anos 1970 com a estratégia do *Low profile*, um suposto abandono das tentativas de impor soluções dos EUA sobre problemas latino-americanos (Einaudi, 1974:252).

Um exemplo de um escritor que se beneficiou desse momento de intenso intercâmbio cultural entre o Brasil e os EUA encontra-se na poeta norte-americana Elizabeth Bishop, que viveu em nosso país entre 1951 e 1970, período que coincide com a transição da Política da Boa Vizinhança para a Aliança para o Progresso. Conforme vimos acima, nesse período houve um acirramento na disputa da influência sobre o continente latino-americano, que resultou numa agressiva política cultural externa norte-americana dirigida a esses países. Se a opção da vinda de Bishop para o Brasil pode ser entendida como uma escolha pessoal, as condições que lhe favoreceram essa escolha certamente se inscrevem no amplo panorama que temos traçado. Durante o tempo que viveu em nosso país, Bishop atuou como importante mediadora cultural entre sua nação e a nossa, mediação realizada através principalmente de relatos, reportagens, entrevistas e traduções de nossas obras.

O reflexo desse contexto pode ser visto, por exemplo, na série de artistas e escritores norte-americanos que visitaram o Brasil nessa época, a maioria deles sendo recebidos por Bishop, como podemos ver em suas cartas. Nomes como o de Robert Frost, que esteve no Brasil em 1954, para uma leitura na Embaixada Americana; John dos Passos, que visitou o país em 1958 a convite do Departamento de Estado para escrever sobre a construção de Brasília¹³; e Robert Lowell e Nicholas Nabokov, que aqui estiveram em 1962, em missão cultural, entre diversos outros. Em

contrapartida ao crescimento do intercâmbio de intelectuais entre os dois países, a influência norte-americana sobre o país, segundo Bandeira, levou o governo de Goulart a negar o “visto aos passaportes de Bertrand Russell, Jean Paul Sartre, Lázaro Cárdenas e outras personalidades de renome internacional que viriam ao Brasil participar do Congresso Internacional de Solidariedade a Cuba, realizado em abril de 1963” (Bandeira, 1973:442). Apesar do anti-americanismo que grassava por toda a América Latina, o momento era favorável para os escritores e artistas que desejavam viver e trabalhar no Brasil, e Bishop também se aproveitou da situação. Além dos prêmios e bolsas que recebeu e que a mantinham financeiramente, Bishop também era convidada a dar palestras, como a que faria no Instituto Cultural Brasil-EUA, onde pretendia falar sobre “Democracia na poesia norte-americana”, como declara em carta de 1958 (Bishop, 1994:392), e contava com o generoso patrocínio de fundações, como a Rockefeller, como declara em carta de 1960:

...acho que agora no governo Eisenhower, chovendo dinheiro do jeito que está, talvez dê para eu conseguir da Ford ou da Rockefeller o bastante para viajar para a Europa. [...] A Rockefeller há anos tem interesse pela América do Sul, e estou pensando em conseguir dinheiro para viajar por aqui e terminar um livro de contos sobre o Brasil (Bishop, 1995:414).

Seu envolvimento transparece mais diretamente na tentativa de atuação junto a Arthur Schlesinger Jr., um dos principais assessores da Casa Branca durante o governo de John Kennedy, como demonstra em carta de 1961:

A. Schlesinger Jr. me escreveu um bilhete [de Washington] – graças ao Cal [Robert Lowell], me pedindo ‘idéias culturais’. Adorei – eu havia escrito uma carta um tanto violenta sobre esse tema algum tempo antes, e agora só espero que o novo adido cultural tenha um mínimo de cultura, e que eu possa mesmo fazer alguma coisa (Bishop, 1995:436).

⁴³ Como resultado de sua visita Dos Passos publicou um livro sobre o Brasil, além de artigos sobre Brasília na Revista Reader’s Digest.

O interesse da Rockefeller pela América do Sul acabou sendo lucrativo para Bishop, como declara em carta de 1966 – *quando eu voltar* [de uma viagem a Holanda e Inglaterra], “tenho que começar a trabalhar imediatamente num livro de textos em prosa – uma espécie de sacos de gatos sobre o Brasil, com o auxílio generoso da Fundação Rockefeller” (Bishop, 1994:490). Entre outros projetos, Bishop estava ainda envolvida, em 1968, num “esquema de enviar poetas brasileiros para os EUA para fazer leituras”, além de organizar, em 1972, uma antologia de poesia brasileira para a Wesleyan University (Bishop, 1995:548).

A experiência de viajante de Bishop no Brasil é marcada pelo intenso intercâmbio cultural entre os dois países, favorecido pelo contexto da Guerra Fria e pela política da Aliança para o Progresso. Essa marca encontra-se não apenas no fornecimento de suporte financeiro que proporcionava a Bishop levar sua vida de viajante e publicar suas traduções, como se reflete no seu olhar sobre o país, especialmente nos momentos de crise. Bishop compartilhava da ideologia norte-americana de superioridade cultural sobre a América Latina, postura que se refletirá em sua atuação como mediadora. Não se pretende aqui apontá-la como uma agente do imperialismo norte-americano no Brasil (como se fosse uma espécie de espíã cultural), mas procurar entender de que forma ela se posicionava frente à política cultural norte-americana para a América Latina, e como esse envolvimento se refletiu em sua visão do país.

No breve histórico acima podemos ver o papel importante que a literatura de viagem, a tradução e os estudos especializados nas relações de nosso país com o estrangeiro, especialmente no caso dos EUA. Mais do que divulgar nossa cultura e literatura no exterior, essas atividades culturais fornecem um mapeamento de nossas relações culturais no exterior, e ajudar a revelar os interesses por trás dessas relações.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Luiz Alberto Moriz. *Presença dos E.U.A. no Brasil*. Dois séculos de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *The virtual image: Brazilian literature in English translation*. 1994. 500 f. 2 v. Tese (PhD) Centre for British and Comparative Cultural Studies, University of Warwick.

BISHOP, Elizabeth. *Uma arte*. As cartas de Elizabeth Bishop. Org. Roberto Giroux. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

FERREIRA LEITE, Sidney. Walt Disney, embaixador da boa vizinhança. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 01 dez 2001. Disponível em: <www.jt.estadao.com.br/suplementos/saba/2001/12/saba009.html> Acesso em: 19 fev 2003.

FREITAS, Marcus Vinícius. *Charles Frederick Hart*. Um naturalista no Império de Pedro II. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida. *Mulheres à deriva: viajantes anglo-americanas no Brasil*. Belo Horizonte: NAPq/FALE/UFMG, N.27, junho 1995. (Cadernos de pesquisa).

HOLANDA, Sérgio Buarque. (Org.) *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1985.

IANNI, Octávio. *Imperialismo e cultura*. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. *A idéia do Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LIPPI OLIVEIRA, Lucia. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista*. História oral de vida acadêmica. São Paulo: Nova Stella, 1990.

MOREIRA LEITE, Miriam L. *Livros de viagem. 1803-1900*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MORSE, Richard M. *A volta de McLuhanáima*. Cinco estudos solenes e uma brincadeira séria. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

RUSSELL, Lawrence. *It's all true*. Disponível em: <www.culturecourt.com/f/hollywood/alltrue.html> Acesso em: 19 fev. 2003.